

"Uma revisão como nenhuma outra": colocar o amor no coração do sistema de assistência¹

Notas sobre o Discurso proferido na 20ª Conferência do SIRCC, Glasgow, 4-5 de junho de 2019

James P. Anglin²

O artigo abaixo, escrito por nosso amigo especial Jim Anglin, reconhecido especialista canadense na atenção e educação de crianças e adolescentes mais vulneráveis, que conhecemos nos Seminários e Encontros de FICE INTERNATIONAL, é resultado de uma análise feita por ele sobre uma mudança no Sistema de Assistência Social da Escócia, que declara a intenção de "colocar o amor no coração do sistema de assistência" daquele país.

No momento em que precisamos defender direitos no Brasil, o texto nos sensibiliza a manter nosso senso crítico afinado, mas a apontarmos sempre a necessidade de recuperarmos a dimensão humana do cuidado para que a ética da justiça não endureça a ação cotidiana junto às crianças e adolescentes, cuja demanda de afeto e pertencimento é cada vez mais urgente.

A leitura desta reflexão crítica de James Anglin é reveladora da complexidade do atendimento na proteção social de crianças e adolescentes afastados dos cuidados parentais e das oscilações, avanços e recuos que a política pública apresenta em todos os países do mundo.

Isa Guará
FICE BRASIL

Resumo

Neste artigo, discutimos o *Scottish Independent Care Review* que, em sintonia com o contexto histórico e internacional, a partir de uma abordagem com características de revisão, avaliando a noção de que se trata de uma "revisão como nenhuma outra". Sugere-se que a evolução do bem-estar infantil tende a ser cíclica e não linear e ascendente, o que significa que as descobertas ou suposições de uma época tendem a ser perdidas ou ignoradas e então redescobertas, limitando assim o potencial de aprendizado contínuo do sistema e a melhoria constante da prática. Dado o objetivo da revisão escocesa de "colocar o amor no coração do sistema de cuidado", a noção de amor é examinada em termos de seu papel central, seus múltiplos significados e possíveis distorções. O artigo conclui que essa revisão é de fato única e que o mundo estará observando e aprendendo com esse processo inspirador.

Palavras-chave: revisão independente da assistência escocesa, transformação do sistema de atenção, tipologia das revisões, cuidado amoroso.

Quando soube pela primeira vez sobre a "Independent Care Review" escocesa, percebi como me tornei cansado e cético ao longo de 45 anos de relatórios governamentais, investigações, análises e esforços para "transformar" o bem-estar infantil, a proteção infantil e o cuidado infantil. De fato, a própria palavra "transformação" foi praticamente banida dos vocabulários dos trabalhadores em minha própria província, como resultado de uma experiência de processo de mudança particularmente infeliz.

Algumas das primeiras frases que ouvi e li em relação à revisão escocesa foram: "uma revisão como nenhuma outra", "colocar o amor no coração do sistema de cuidado", e seu propósito, "ter o melhor sistema de atendimento no mundo". Bem, nem todos os comentários querem essas coisas (mesmo que não ousem dizer isso)? Alguma revisão chegou perto de entregar alguma dessas coisas? Não, na minha experiência. E eu testemunhei dezenas de relatórios e análises, provavelmente bem mais de cem em muitos países. Eu participei, ansiosamente e com grande esperança, em meia dúzia e até mesmo conduzi um, eu mesmo, apenas para acabar desiludido e desapontado a cada vez. O ponto mais crítico para mim, depois que eu pessoalmente completei uma revisão independente (one person) do sistema residencial de cuidados infantis

¹ Scottish Journal of Residential Child Care 2018 Vol.17, No.4. p.8-21

https://www.celcis.org/files/8415/5958/4384/SJRCC_Vol_18.2.pdf Tradução livre- Isa Guará

² Corresponding author: James P. Anglin, janglin@uvic.ca

no Território de Yukon, no norte do Canadá, foi quando notei que nenhuma das minhas principais recomendações foram aplicadas.

Os governos podem mudar muito rapidamente, e junto com eles as intenções dos políticos anteriores, e os novos governos querem começar de novo com suas próprias agendas e especialistas. Ironicamente, um colega meu foi convidado a realizar uma revisão semelhante em 2018, 17 anos após minha revisão, e ele repetiu alguns dos mesmos temas e recomendações que eu havia feito. Às vezes, o humor negro produz uma risada sarcástica, e as ironias da vida podem nos fazer sorrir tristemente. Mas, se o que estou dizendo é algo próximo da verdade sobre a grande maioria dos esforços para mudar e melhorar os serviços das crianças, isso deve ser considerado nada menos que escandaloso.

Depois de muitos anos de perplexidade sobre por que as burocracias parecem incapazes de mudar ou de ser mudadas, escrevi um artigo intitulado: "Transformando serviços governamentais para crianças e famílias, ou 'Por que políticas não reducionistas, pesquisa e prática são difíceis de serem enfrentadas, mas importantes demais para ser deixadas em paz'" (Anglin, 2008).

Minhas conclusões sobre as condições necessárias para a verdadeira mudança transformadora incluíram o seguinte:

- "Devemos permanecer vitalmente preocupados com as experiências humanas de todas as pessoas que se tornam envolvidas nas instituições em que trabalhamos, incluindo fundamentalmente nós mesmos" (p. 76).
- "Precisamos buscar primeiro acessar e entender a experiência vivida daqueles que estamos ali para servir. A maneira mais eficaz de conseguir isso é participarmos de ações conjuntas para que ambas as partes possam desenvolver entendimentos renovados, transformando-nos uns aos outros e entendendo a natureza de nosso envolvimento mútuo.
- Nesse processo interativo e mútuo, a linguagem da atividade, tradicionalmente bastante técnica e parcial, é deslocada para se referir mais precisamente a experiências reais, problemas e aspirações. Como Alfred North Whitehead observou: "Pensamos em generalidades, mas vivemos em detalhes" (p. 76).
- "Temos que parar de fazer o que sabemos que não funciona para criar um espaço no qual possamos descobrir o que pode funcionar" (p. 76).
- "Em suma, um elemento essencial de uma abordagem não reducionista é pensar, experimentar e agir em pleno reconhecimento da integridade das pessoas e da totalidade da vida humana" (p. 78).

Quando escrevi essas palavras pela primeira vez há cerca de 20 anos, embora acreditasse profundamente nelas, não tenho certeza se achava que viveria tempo suficiente para experimentar um processo em serviços humanos que realmente tentassem funcionar de acordo com esses princípios.

Ser e relacionar-se como pessoas inteiras, acessar a experiência vivida dos outros, participar de empreendimentos conjuntos e mútuos com jovens, mudar nossa linguagem para longe da técnica e parcial, parar de fazer o que não funciona, para criar espaço para a descoberta e para atuar no reconhecimento da integridade das pessoas e da totalidade da vida humana - tudo isso é apenas uma aspiração mais irrealista na prática, ou poderia ser uma realidade em algum processo de renovação do sistema?

The Scottish Independent Care Review

A esperança, na verdade, é eterna, e estou preparado para acreditar que essa revisão de cuidados escocesa de "raízes e galhos" pode ser apenas a realização de meus sonhos de verdadeira transformação em serviços para crianças e famílias. É hora de restaurar a credibilidade de conceitos como "transformação", "

integridade das pessoas", "integridade da vida" e acrescentar um conceito defendido pela revisão escocesa - "um sistema de cuidado amoroso".

Talvez seja útil reservar um momento para examinar essa revisão no contexto de revisões históricas e internacionais. Só na Escócia, houve 20 relatórios sobre o sistema de atendimento infantil durante um período recente de 15 anos (2001-2016), realizados pelo Executivo Escocês, o Governo Escocês ou a Inspetoria de Cuidados (Diretoria de Crianças e Famílias, 2017).

Houve até mesmo títulos promissores, como "É um trabalho em que todo mundo tem certeza de estar bem" (2002) ou "Fazer tudo certo para todas as crianças" (2008). Mas agora estamos em 2019, e certamente ainda não acertamos, na Escócia ou em qualquer outro lugar. Isso é de fato preocupante, já que temos grupos de cuidados residenciais no mundo há quase 1700 anos, desde pelo menos o ano 354 A.C. (Anglin & Brendtro, 2015).

O que é preciso para compreender melhor o potencial da atual Revisão Independente da Assistência Escocesa?

Vamos primeiro olhar para as características típicas de outras revisões anteriores, não apenas na Escócia, mas também em muitos outros países. A seguinte tipologia permitirá alguma comparação e discussão.

Uma tipologia de revisões típicas

Financiamento: as revisões são quase sempre iniciadas pelo governo.

Revisão do ethos - normalmente, isso inclui a crença em opiniões profissionais especializadas e pesquisas acadêmicas.

Foco no sistema - geralmente um dos seguintes: bem-estar infantil, proteção infantil ou crianças em tratamento.

Finalidades - modificar o sistema, aprimorar a prática, trazer eficiência de custos ou fazer alterações nas políticas.

Factor (es) precipitado (s) - lamentavelmente, geralmente a morte de uma criança, um escândalo de abuso ou uma crise política / sistêmica.

Revisores - caracteristicamente juizes, advogados ou altos funcionários públicos (ex).

Design de revisão - único especialista ou equipe de profissionais com alguma consultoria (muitas vezes mínima).

Processos / Atividades - seleciona entrevistas, submissões são convidadas, registro de casos e análise de políticas, revisões de literatura.

Saídas - um relatório final com descobertas e recomendações (muitas vezes mal implementadas, se houver).

Mesmo uma análise rápida dessas características revela um forte viés em relação a perspectivas profissionais, acadêmicas e governamentais e a colocação de poder nas mãos de "guardiões do sistema". Presumivelmente, os revisores foram escolhidos para garantir a imparcialidade, independência e rigorosas habilidades de investigação e tomada de decisão, mas eles, geralmente, têm pouco ou nenhum cuidado com a criança ou experiência na prática do bem-estar infantil.

Análises e investigações sobre o bem-estar da criança e os cuidados com a criança são quase invariavelmente realizados por juizes, advogados ou altos funcionários públicos (ex-). Como você acha que o judiciário ou a profissão jurídica reagiria a um trabalhador / pedagogo social ou assistente social da criança e do jovem realizando uma revisão do sistema judicial ou legal?

Estou ciente de uma revisão na Inglaterra que foi realizada em conjunto por uma advogada (Allan Levy, QC) e uma assistente social (Barbara Kahan) que havia sido Diretora de Serviços para Crianças em Oxfordshire,

Inglaterra (Levy & Kahan, 1991). Esta revisão se concentrou no uso de salas de isolamento, chamadas de salas "fixas", como resultado de seu propósito de identificar e isolar jovens em atendimento exibindo comportamento inaceitável e de difícil controle.

Lembro-me de Barbara me dizendo uma vez que um advogado a criticara por "sempre ficar do lado da criança". Ela não viu um problema nisso e tomou o comentário como um elogio. Tomar o lado de uma criança não significa que eles sempre conseguem o que querem; significa que alguém está defendendo sua experiência, sua voz e seus direitos. O relatório Levy-Kahan afirmava: "A formação é um elemento essencial na prestação de um serviço para crianças em tratamento. Não pode mais ser considerado algo para os poucos funcionários seniores que supervisionam um grande número de funcionários sem treinamento para atender as crianças" (Seção 19.10).

Na seção 19.12 de seu relatório lemos: "Recomendamos que uma estratégia de treinamento para os próximos cinco anos seja desenvolvida com urgência, com o objetivo específico de aumentar, sem demora, o número de pessoal treinado e qualificado em atendimento residencial". Infelizmente, minha análise da história dos serviços para crianças e famílias demonstra que sua evolução tende a ser cíclica (ver Figura 1).

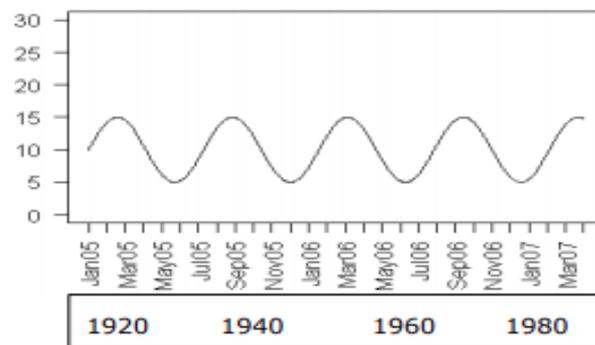


Figure 1 - Illustrating a cyclical pattern

Não é uma progressão linear e ascendente (veja a Figura 2), o que significa que descobertas ou suposições de uma era tendem a ser perdidas ou ignoradas, e então redescobertas, limitando assim o potencial de aprendizado contínuo do sistema e a melhoria constante da prática.

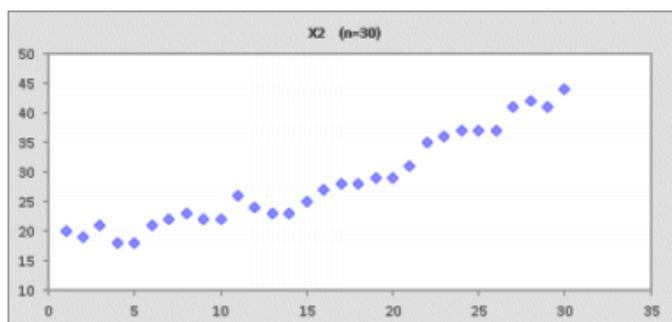


Figure 2 - Illustrating a linear and upward progression

Para ilustrar a natureza cíclica de relatórios e resenhas, vamos avançar 26 anos da revisão de Levy-Kahan (1990) para 2016 e o Relatório Residencial de Cuidados na Inglaterra, frequentemente chamado de Relatório Narey (Department for Education, 2016).

Um diretor de programa é citado no relatório de Sir Martin Narey dizendo:

“O baixo nível de qualificações e o baixo salário dificultam a atração de pessoas com experiência, habilidades e discernimento adequados. Outros trabalhos de nível básico, igualmente mal remunerados, que não exigiam qualificações prévias geralmente competiam pelos mesmos candidatos, mas eram provavelmente mais fáceis e mais compatíveis com uma vida doméstica e responsabilidades de cuidado (p. 60)”.

A resposta de Sir Martin Narey:

"Eu acho que é uma visão derrotista ..." Narey continua: ... o trabalho em serviços de acolhimento de crianças é certamente exigente. Mas também é fascinante e gratificante e oferece muito mais variação e estímulo do que o trabalho relativo de comércio, por exemplo. Muitos funcionários em serviços de acolhimento não fariam qualquer outra coisa [...] Como descobriram os pesquisadores do NCB TNS: “Dizem que os funcionários mais jovens têm maior probabilidade de serem ambiciosos e usam sua experiência de trabalho nos serviços com crianças como um trampolim para outras carreiras [no] trabalho social, ensino ou psicologia” (p. 60).

Quanto a treinamento e qualificações, ele diz:

“Precisamos ter uma força de trabalho competente e confiante, mas não tenho certeza se isso significa necessariamente uma força de trabalho altamente qualificada. Embora a intenção na Escócia seja exigir que os funcionários em serviços residenciais de crianças sejam graduados (a partir de 2018), peço aos Ministros que não sigam esse exemplo na Inglaterra. Não tenho conhecimento de evidências que mostrem que uma força de trabalho totalmente graduada melhoraria ainda mais a qualidade dos serviços (p.55)”.

Curiosamente, em outra seção onde Narey rejeita a pedagogia social como provavelmente não adequada à Inglaterra (e apesar de não apoiar o desenvolvimento de qualquer educação para crianças e jovens, como ele observa que a Escócia está fazendo), ele indica a Dinamarca, onde tal educação é necessária:

“Os resultados para as crianças que vivem em cuidados residenciais na Dinamarca são significativamente melhores do que os resultados na Inglaterra, especialmente com o melhor envolvimento das crianças em sua educação. Mas é impossível afirmar de maneira convincente que isso é resultado do uso da pedagogia (p. 66)”.

Para isso eu digo: Deve ser o maravilhoso queijo azul que faz a diferença. Quão triste é ver o apoio informado e contundente à educação e à formação claramente afirmado por Levy e Kahan, duas décadas antes, sendo descartado de imediato.

Como a atual Revisão Independente dos Cuidados Escoceses pode ser atípica?

Vamos revisitar o modelo com características de revisão apresentado anteriormente e considerar como a revisão escocesa pode ser atípica e, de fato, pode ser "uma revisão como nenhuma outra".

Financiamento: - Em vez de essa revisão ser iniciada por um departamento do governo, ela foi iniciada pela Primeira Ministra da Escócia, Nicola Sturgeon, pessoalmente, e deixou muito claro que ela própria assumiria a responsabilidade por essa análise perante os jovens que chegam e saem dos serviços de acolhimento. Tanto quanto sei, esta é uma situação absolutamente única na história das avaliações internacionais.

Revisão do ethos - Em vez de alguma agenda política ou ideologia impulsionando essa revisão, são os valores que são impulsionados e, em particular, os valores de compaixão, carinho, senso de responsabilidade e compromisso da Primeira Ministra com o bem-estar dos jovens da Escócia. Esta também é uma característica única desta revisão de cuidados.

Sistema - Curiosamente, a presidente da revisão independente, Fiona Duncan, é bastante clara ao dizer que a revisão não está centrada no sistema de assistência à infância ou bem-estar infantil, mas sim nas

experiências e bem-estar das próprias crianças. Não se trata de mudar um sistema, mas de criar experiências novas e positivas para crianças e jovens que vivem em famílias acolhedoras ou nos serviços de acolhimento institucional.

Propósitos - "ter o melhor sistema de cuidados do mundo", ponto final! O que mais há a dizer?

Fator (es) precipitante (s) - Em contraste com a maioria das outras análises que são iniciadas em resposta a uma morte ou outra tragédia envolvendo jovens, esta revisão resultou do encontro autêntico da Primeira Ministra da Escócia com os jovens dentro e fora dos serviços de acolhimento. Ela abriu o coração e a mente para as vozes dos jovens e ficou comovida para responder ao propor esse processo ambicioso. Que refrescante!

Revisores - Como observado anteriormente, os revisores caracteristicamente selecionados em outras revisões são juízes, advogados ou funcionários públicos (ex) que têm pouca ou nenhuma experiência com a prática de cuidados infantis, ou com o cotidiano de jovens em atendimento. A Scottish Independent Care Review está sendo presidida por uma mulher com experiência vivenciada em assistência, que também traz habilidades fortes de análise e um grande senso de responsabilidade para com os jovens da Escócia. Ela se refere ao seu papel como o de "coreógrafa" e está certa de que essa resenha não deve levar seu nome e resiste a qualquer rótulo desse tipo. Isso é muito incomum e reflete o ethos que ela defende nesse processo.

Projeto de revisão - Uma abordagem emergente está sendo adotada nesta revisão, englobando quatro etapas (orientação, descoberta, jornada e destino) que serão construídas umas sobre as outras ao longo de três anos. Um recurso exclusivo é o fornecimento de feedback contínuo de "parada para reflexão" envolvendo aqueles que prestam serviços de atendimento. A revisão não está esperando até o final do processo para iniciar mudanças nas práticas. Além disso, existe a intenção de tentar "minitests" de novas abordagens para explorar inovações, embora esteja ciente de que as mudanças devem ser experimentadas e comprovadas antes de serem adotadas em larga escala. Parece que essas noções foram sugeridas pelos próprios jovens.

Processos - O processo mais fundamental adotado é o de envolver um exército virtual de pessoas em conversas significativas (cerca de 2.000 indivíduos) e em grupos de trabalho sobre cada etapa do processo (envolvendo mais de 150 pessoas). Mais da metade das pessoas envolvidas vivenciaram a experiência no cuidado. No estágio de jornada, há ampla comunicação e colaboração para unir os vários grupos de trabalho e temas que estão sendo examinados. Este é certamente um envolvimento sem precedentes e oferece uma perspectiva de mudança contínua após a conclusão do processo de revisão formal. Se corações e mentes são mudados, é provável que ocorra um comportamento, e se um exército de pessoas for mobilizado, muitas outras provavelmente serão inspiradas a se unirem à causa.

Resultados - Como indicado, a revisão está afetando atitudes e práticas à medida que se desenvolve, envolvendo todos na sua esfera de ação como pessoas inteiras, desafiando o pensamento e a ação a partir das perspectivas dos jovens em atendimento. Algumas "paradas" (luzes vermelhas) já foram iniciadas (por exemplo, encerrando restrições), e algumas pequenas inovações serão testadas, o que significa que os serviços estão em processo de mudança antes de qualquer relatório final e recomendações.

Algumas reflexões

Ao longo da minha vida, aprendi que, de tempos em tempos, as estrelas parecem alinhar-se como se dispostas por algum poder superior. Por exemplo, alguns dos eventos que levaram o Partido da Liberdade do Inkatha a ingressar no último momento nas primeiras eleições democráticas sul-africanas em 1994 não podem ser racionalmente explicados, e esses eventos evitaram certo derramamento de sangue em uma escala devastadora (ver Cassidy, 1995).

Em minha experiência pessoal, eventos aleatórios e o alinhamento casual de indivíduos particulares levaram a novas oportunidades e orientações de carreira que sempre alteraram minha vida e meu trabalho e talvez se possa pensar em tais momentos em relação aos outros momentos de vida. Esta revista - Scottish Independent Care Review -, na minha opinião, carrega uma aura de tal mistério e boa sorte.

Ao refletir sobre o que aprendi até hoje sobre a iniciação e o desenrolar desse processo único de revisão, não posso deixar de sentir grande esperança de que não apenas as vidas das crianças escocesas sejam transformadas, mas talvez lições sejam aprendidas que possam ser compartilhadas. mais amplamente, através de serviços e sistemas em todo o mundo.

Praticamente todos os países que conheço continuam a lutar contra o peso de sistemas de atendimento desumanos, estigmatizantes e ineficazes para os jovens. É doloroso para todos os envolvidos, mas especialmente para os jovens que cuidam de si mesmos, quando a intenção dos provedores é criar lugares estimulantes, amorosos e curativos e eles não acontecem.

Uma nota sobre a palavra "Amor": Acho que precisamos abordar a noção de amor com algum cuidado e cautela. Para alguns jovens em cuidado, ser amado significa ser manipulado e maltratado. Por exemplo:

- Eu te venci porque eu te amo '.
- "Se você me amasse, faria o que eu digo".
- "Se você me ama, você deve manter este segredo".

Como educadores, precisamos ser cuidadosos sobre como expressamos nosso amor, mas também precisamos ajudar aqueles com quem trabalhamos a pensar criticamente sobre o que o amor significa no contexto de nossos sistemas de cuidado infantil.

Um professor canadense de atendimento a crianças e jovens conta a história de conversar com o chefe de uma instituição de justiça juvenil (Prisão correcional de jovens) como parte de uma revisão de cuidados residenciais na província de Ontário há alguns anos. Quando o professor mencionou a necessidade de amor das crianças, o diretor disse: "Não queremos que a equipe ame as crianças; pois então eles vão querer fazer sexo com eles" (K. Gharabaghi, 23 de agosto de 2016, comunicação pessoal).

Quando os líderes em nosso campo pensam assim, temos muito trabalho a fazer para esclarecer o que o amor tem a ver com o atendimento informal no cuidado fora de casa e é também profissional. Em outra conversa, um vice-ministro do Bem-Estar da Criança do governo de Ontário disse ao ex-promotor provincial para crianças e jovens: "Não podemos legislar o amor". O Advogado respondeu: "Não, mas você pode legislar as condições em que o amor pode acontecer" (I. Elman, 16 de abril de 2016, comunicação pessoal).

Os gregos antigos tinham muitas palavras para "amor". Talvez estes sejam os melhores pensamentos sobre as dimensões do amor. Em vez de tipos puros, como podemos experimentar uma mistura destes tipos de amor com a mesma pessoa?

Quatro dimensões ou tipos de amor talvez sejam mais relevantes para o nosso trabalho.

- Ágape - amor espiritual altruísta (por exemplo, o amor de Deus).
- Philia - amor da experiência compartilhada (afiliação).
- Storge - amor de amizade, desenvolvido lentamente.
- Eros - amor físico apaixonado, atração.

Aqueles que trabalham em uma capacidade profissional ou voluntária com os jovens no sistema de cuidados precisam se envolver em conversas reflexivas sobre essas dimensões, ou tipos de amor, e como estas podem se manifestar em sua prática diária.

Muitas vezes, aqueles que se sentem atraídos pelo trabalho com a população infantil e juvenil são motivados por um sentimento de ágape, um cuidado profundo por pessoas como pessoas, talvez desenvolvido em suas famílias ou por meio de uma infância centrada nas pessoas. Por exemplo, eles podem ter cuidado de irmãos mais novos, ou fazer parte de uma família extensa, ou de um bairro ou comunidade eclesial onde eles formaram relacionamentos próximos.

No entanto, mesmo onde isso pode não ter sido o caso, ao longo do tempo através de compromissos diários com jovens e colegas, podem ser descobertas paixões e interesses compartilhados (*philia*) e amizades significativas (*storge*) desenvolvidas ao longo do tempo. Os jovens precisam experimentar relacionamentos amorosos entre adultos (incluindo membros da equipe) como parte do aprendizado de como se envolver em relações amorosas com os outros.

Embora o *eros* possa ser muito problemático se não tratado adequadamente, não podemos fingir que os jovens em tratamento nunca são fisicamente atraídos por seus cuidadores. O inverso também é verdadeiro, e como responder a essas atrações deve ser parte da educação, treinamento, supervisão contínua e discussões em equipe em nosso campo.

A Diretora Associada da Associação Sul-Africana de Assistência à Criança e a Juventude (NACCW), Zeni Thumbadoo, colocou bem. "Amor", ela sugere, "está presente em momentos poderosos do CYC com outros e deve estar presente quando conexões reais são feitas entre o eu e o outro" (Thumbadoo, 2011, p.197). Esta é uma forma de ágape, ou amor de outro ser humano no sentido do Ubuntu: "Eu sou porque você é"; "Eu sou uma pessoa por causa de outras pessoas". Ela afirma ainda que "o cuidado e o amor se misturam nos encontros" entre os praticantes de cuidados infantis e juvenis e os outros (Thumbadoo, 2011, p.197).

Um autor canadense da First Nations, o falecido Richard Wagamese, escreveu poderosamente sobre a primeira ferida que sofreu por ter sido removido à força de sua mãe ainda jovem: "Estava sendo arrancado do amor que causa a ferida em primeiro lugar e de seu único amor que no final, cura" (Wagamese, 2009, p. 13). Em um estudo recente envolvendo conversas com 20 jovens adultos de acolhimento feito por uma de minhas alunas, Angela Scott, e eu, no centro das reflexões retrospectivas compartilhadas pelos jovens, estava o sentimento de uma perda elemental ou primária. Como uma jovem afirmou de modo pungente: ... é isso que estamos perdendo enquanto crianças em atendimento, não sentimos esse amor, essa comunidade e a conexão familiar.

Desde que ouvimos essa afirmação, a noção "não sentimos esse amor" foi gravada em meu cérebro. Foi essa afirmação, abrangendo não apenas uma perspectiva individual, mas também uma experiência comunitária de juventude no cuidado, que revelou mais uma vez um profundo sentido daquilo que muitas vezes tem faltado na vida daqueles que vivem no cuidado. Quão trágico. Quão errado. Quão desnecessário.

A Scottish Independent Care Review é a primeira revisão desse tipo que tenho visto com um grupo de trabalho que se concentra na noção de amor. Talvez, por fim, a dor primária dos jovens dentro e fora do sistema de cuidado esteja sendo ouvida e respondida com cuidado, compaixão e, o mais importante, ação.

Conclusão

Governos e sociedades em todo o mundo devem encontrar maneiras de criar espaços de amor, carinho e cura para todos os nossos jovens e, especialmente, para os que foram removidos de suas famílias de origem. Sei que falo pela comunidade internacional de bem-estar infantil como um todo quando digo que o mundo está olhando para a Escócia – Escócia, rezamos para que você consiga 'colocar o amor no coração do sistema de cuidados' para que você não apenas ajude os jovens da Escócia, mas ajude o resto do mundo a aprender como fazer isso também.

Referências:

- Anglin, J. P. (2008). Transforming government services for children and families: Or 'why non-reductionist policy, research and practice are almost too difficult to be tackled but too important to be left alone'. In F. Peters (Ed.), *Residential child care and its alternatives: International perspectives* (pp. 71-78). Stoke on Trent, UK: Trentham Books
- Anglin, J. P., & Brendtro, L. K. (2017). Enduring wisdom: Towards a comprehensive history of professional Child and Youth Care. *Scottish Journal of Residential Child Care*, 16(3), 1-14.
- Cassidy, M. (1995). *A witness forever: The dawning of democracy in South Africa - stories behind the story*. London: Hodder & Stoughton.
- Children and Families Directorate (2017). *Protecting Scotland's children and young people: It is still everyone's job*. Edinburgh: The Scottish Government. Department for Education (2016).
- Children's residential care in England: Sir Martin Narey's independent review of children's residential care in England, and the government's response. London: DfE
- Levy, A. and Kahan, B. J. (1991). *The Pindown experience and the protection of children: The report of the Staffordshire Child Care Inquiry 1990*. Stafford: Staffordshire County Council.
- Scott, A., & Anglin, J. P. (2016). *We don't feel that love: Retrospective reflections on the experiences of removal, transitions and trauma*. Victoria, BC: University of Victoria.
- Scottish Executive (2002). *It's everyone's job to make sure I'm alright: Report of the child protection audit and review*. Edinburgh: The Scottish Executive.
- Scottish Government (2008). *Getting it right for every child national practice model*. Edinburgh: The Scottish Government.
- Thumbadoo, Z. (2011). Isibindi: Love in caring with a child and youth care approach. *Relational Child and Youth Care Practice*, 24(1-2), 210-216.
- Wagamese, R. (2009). The sixties scoop, the primal wound and home. *Canadian Dimensions*, 43(5), 12-13

Sobre o autor

Professor James Anglin começou sua carreira como trabalhador de cuidados infantis e juvenis em um centro de saúde mental em Vancouver, após o qual ele criou uma casa de acolhimento para seis adolescentes em Victoria, Canadá. Em 1979, ele se juntou ao corpo docente da Escola de Cuidado da Criança e da Juventude da Universidade de Victoria, mais tarde se tornando diretor. Ele também atuou como Vice-Presidente Associado Acadêmico da Universidade e Diretor de Assuntos Internacionais e, foi nomeado Professor Emérito. Jim está atualmente pesquisando a implementação e adaptação cultural usando uma abordagem baseada em princípios para cuidados residenciais (Care) com colegas do Centro Bronfenbrenner de Pesquisa Translacional da Universidade de Cornell. Ele publicou em jornais norte-americanos e internacionais e textos de bem-estar infantil sobre uma variedade de questões de cuidados a crianças e jovens, mais recentemente escreveu sobre a compreensão e a resposta à dor e ao comportamento baseado em dor dos jovens e nos processos de cura de traumas complexos.